

José Roberto Santos Neves

DISCURSO DE POSSE DOS NOVOS MEMBROS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO:

Ilustríssimo Senhor Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo,

Autoridades presentes,

Caros consócios,

Senhoras e senhores,

“Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos”, conforme versejou o compositor Caetano Veloso na canção “Oração ao Tempo”, o tempo é o senhor da razão e o norte que o homem persegue desde a criação da humanidade. Arvorando-se como uma espécie de Chronos, o deus do tempo na mitologia grega, o homem se dedica através dos séculos à inglória tarefa de tentar capturar o tempo, como se pudesse controlá-lo, segurá-lo nas mãos. Trata-se de uma obsessão compreensível: a exemplo dos antigos gregos, pode-se afirmar que Chronos provoca temor no homem contemporâneo, uma vez que é impossível fugir da sua ação; mais cedo ou mais tarde todos nós seremos devorados por ele.

Mas, se o tempo nos impõe medo, ao mesmo passo se revela sedutor para o homem. Em alguns casos, sua captura se torna possível. Na fotografia, por exemplo. Mais do que imagem, a fotografia é o registro de quando o homem se apropria do tempo. Aos biógrafos – ofício ao qual humildemente dedico-me com afinco e rigor de pesquisador –, muito mais difícil do que reconstruir os fatos de uma época é transportar o leitor para sua atmosfera emocional, conforme nos ensinou o escritor austríaco Stefan Zweig.

Ah, o Tempo! Este substantivo masculino é a matéria-prima que conduz as atividades do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a mais

José Roberto Santos Neves

longeva instituição cultural do Estado, fundada há quase 100 anos, a 12 de junho de 1916. Sua missão consiste no estudo da história, da geografia e das ciências afins do Estado do Espírito Santo, contribuindo, assim, para a divulgação da memória do nosso Estado, dos seus ícones e das suas identidades, a partir da intensa pesquisa de seus notáveis membros que atuam nas mais diversas áreas do conhecimento – são historiadores, geógrafos, magistrados, economistas, juristas, cientistas, engenheiros, sociólogos, antropólogos, escritores e jornalistas, como é o caso deste orador. Trabalha-se, portanto, com a perspectiva da difusão do conhecimento e da democratização do acesso à cultura como elemento fundamental para a transformação da sociedade espírito-santense, contemplando valores caros e intangíveis à formação do seu povo, como a autoestima, o orgulho, a sensação de pertencimento. Um povo só poderá ter orgulho de si se tiver conhecimento da sua própria história. Como afirma o célebre compositor Paulinho da Viola no samba “Dança da solidão”: “Meu pai sempre me dizia, meu filho tome cuidado/Quando eu penso no futuro, não esqueço o meu passado”.

Ao longo de quase um século de atuação, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo consolidou-se como um dos principais repositórios de livros, estudos e documentos sobre a história do Espírito Santo, bem como acolheu em seus quadros intelectuais cujas pesquisas colaboraram para desvendar e compreender a riqueza cultural capixaba e as diversas etnias que compõem a população do Estado. Neste momento faz-se necessário citar nomes que construíram a trajetória desta instituição, a começar por seus idealizadores Antonio Francisco Athayde, Archimino de Mattos e Carlos Xavier Paes Barreto; além de Elmo Elton, Heráclito Amâncio Pereira, Ceciliano Abel de Almeida, Nelson Abel de Almeida, Renato José Costa Pacheco, Guilherme Santos Neves, Miguel Deppes Tallon e Marien Calixte, entre tantos outros ilustres membros do Instituto que poderiam ser aqui lembrados por sua nobre contribuição para o registro das tradições do Espírito Santo. Estado amado por todos nós e que, em nossa visão, representa uma síntese do “Brasil mestiço”, onde as diferentes tradições e manifestações oriundas dos povos indígenas, dos negros e dos imigrantes europeus convivem em perfeita harmonia, compondo um mosaico cultural repleto de especificidades que

José Roberto Santos Neves

devem ser objeto constante de documentação por parte dos membros desta instituição.

Enquanto entidade cultural sem fins lucrativos, compreendo o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo como uma fonte segura de informações e de conhecimento com qualificação para cooperar com o poder público na elaboração de políticas sociais, culturais e educacionais, e como instrumento de resistência à cultura do descartável que predomina na sociedade atual. Uma situação presenciada pelo orador há cerca de dez anos ilustra o desinteresse de uma parcela de cidadãos capixabas em relação à memória do Estado. Certa vez, encontrava-me na biblioteca de uma empresa de comunicação quando um leitor adentrou o recinto, perguntando aos funcionários se naquele local havia textos e fotos do compositor e violonista Maurício de Oliveira. Imediatamente, uma bibliotecária respondeu: “Não sei, não é do meu tempo”. Essa resposta, acompanhada de um misto de ingenuidade e indiferença, infelizmente, tornou-se comum nas mídias digitais conhecidas como redes sociais, e também na vida real, como se o simples fato de um artista, uma obra ou um acontecimento pertencer a um tempo histórico diferente daquele que estamos vivendo representasse, por si só, uma justificativa para nossa ignorância acerca do tema em questão. Em outras palavras, seria nosso álibi. Imaginemos diálogos semelhantes:

- Conhece Augusto dos Anjos?

- Não, não é do meu tempo.

- Castro Alves?

- Não é do meu tempo.

- Machado de Assis?

- Não é do meu tempo.

E o que dizer, então, dos autores pioneiros da gloriosa literatura produzida no Espírito Santo? Haidée Nicolussi, Mendes Fradique, Elmo Elton?

José Roberto Santos Neves

Diríamos, simplesmente: não é do meu tempo, e dormiríamos com a consciência tranqüila, porém, sobrecarregada com a overdose de informações – muitas delas supérfluas – que circulam nas mídias digitais nessa segunda década do século XXI.

No entanto, determinados núcleos sociais mantêm um foco de resistência ao império da efemeridade que caracteriza a sociedade brasileira contemporânea, e essa resistência passa, inevitavelmente, pelo trabalho árduo e apaixonado de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Árduo porque todo trabalho de pesquisa, levantamento de dados e registro da história exige dedicação e entrega por parte de seu autor. E apaixonado porque todo estudo que visa à construção de uma sociedade melhor pressupõe, acima de tudo, amor e generosidade. Preservar a história e a memória, e torná-la acessível aos cidadãos - desta ou das futuras gerações – representa uma missão que exige profunda consciência de interesse público e coletivo.

Para o orador, integrar esta prestigiosa instituição, além de uma honra, constitui-se em uma tarefa de grande responsabilidade. Pretendo reiterar aos presentes que minha relação com a pesquisa histórica do Espírito Santo se desenvolve através do jornalismo, por meio de duas décadas de atuação no jornal A Gazeta, onde exerci as funções de repórter, crítico de música, editor do Caderno Dois, e criador e editor do Caderno Pensar. Do meu currículo consta, ainda, a autoria de livros sobre música, a exemplo da biografia “Maysa”, da cantora homônima, publicada em 2005, inicialmente na Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo, com reedição do autor em 2008; o livro “A MPB de Conversa em Conversa – 40 entrevistas com grandes nomes da música popular brasileira”, publicado em 2007; “Rockrise – A história de uma geração que fez barulho no Espírito Santo”, de 2012; e “Crônicas musicais e recortes de jornal”, de 2015. Em comum, esses quatro títulos possuem um conceito que visa relacionar a música com as transformações sociais, políticas, econômicas e comportamentais ocorridas no Brasil no último século, e, mais precisamente, no Estado do Espírito Santo. A música é um poderoso elemento da identidade nacional, papel este assumido pelo gênero do samba, e por meio dela é possível se contar a história do Brasil no século

José Roberto Santos Neves

XX, do advento do choro aos movimentos contemporâneos, passando pela Bossa Nova, a Jovem Guarda, o Tropicalismo e as canções de protesto. Em 2014, tive a honra de ser eleito para a Academia Espírito-Santense de Letras, para ocupar a cadeira de número 26, que antes pertencia ao doce imortal Marien Calixte, seguramente um dos maiores intelectuais do Espírito Santo no século XX. Das páginas dos jornais e dos livros, migrei para a gestão pública, ao exercer o cargo de subsecretário de Cultura de Vila Velha, nos anos de 2013 e 2014, passando em 2015 a ocupar a função de subsecretário de Estado da Cultura. Compartilho a crença inabalável de que a cultura, com as suas dimensões simbólica, cidadã e econômica, representa um caminho fértil para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais desenvolvida, onde, para além dos indicadores econômicos, torne-se uma prioridade a discussão dos índices de felicidade de uma nação.

Caros senhores, cumprindo o rito dessa solenidade, inicio a apresentação dos ilustres acadêmicos Manoel Goes, Luiz Carlos Appel e Rogério Costa dos Reis, que ora tomam posse, juntamente com o orador, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Tenho a certeza de que cada um dos novos membros fez por merecer tamanha responsabilidade.

Luiz Carlos Seara Appel nasceu em Criciúma, Santa Catarina, morou e estudou em Porto Alegre, profissionalizou-se e trabalhou no Rio de Janeiro e Manaus. Atualmente reside em Vitória, Espírito Santo, onde exerce as funções de editor, designer e produtor gráfico. Trabalhou para grandes corporações e instituições, como Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro, O Globo, Banco Nacional, Cia. Atlantic de Petróleo, Golden Cross, entre outras. Em Vitória, produziu o design gráfico de livros para escritores como Pedro J. Nunes, Álvaro José Silva, Marilena Soneghet, Getúlio Neves, Luiz Guilherme Santos Neves, Reinaldo Santos Neves, Romulo Salles de Sá e Ivan Borgo. Em 2015, produziu a reforma do desenho gráfico e a produção da revista da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória. No mesmo ano, publicou o livro “Leituras – Crônicas do Prazer de Ler”, que traz a sua visão sobre literatura estrangeira, nacional e a literatura produzida no Espírito Santo.

José Roberto Santos Neves

Manoel Goes da Silva Neto é bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1981). Possui sólida experiência em mercado de artes, como marchand e curador, no Rio de Janeiro, onde atuou como sócio-gerente do Complexo de Loja e Atelier de Cursos de Pintura e Arte, o Bureau do Artista, na Barra da Tijuca. Desde 2012 é membro voluntário do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha-Casa da Memória, onde responde pela curadoria e produção cultural da agenda de exposições e eventos desta instituição, que desenvolve importante trabalho de preservação da memória e divulgação das tradições do município de Vila Velha. Publica regularmente resenhas e crônicas nos jornais A Gazeta e A Tribuna, e na Revista Cachoeiro Cult.

Rogério Costa dos Reis é Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade do Vale do Rio Doce (Univale), possui Pós- Graduação Latu-sensu em Ensino Superior e Desenvolvimento Regional pela mesma Universidade, e Graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina. É professor de História do Direito e Metodologia Científica no curso de Direito e Prática, e de História Moderna no curso de Licenciatura em História. Desenvolve pesquisas nas áreas de História, História do Direito, Filosofia e Sociologia. Entre 2011 e 2012 coordenou o projeto de Iniciação Científica “As concepções de morte no período Viking”, com alunos do sexto período do curso de Licenciatura em História, da Faculdade Castelo Branco. Em 2013 publicou, pela editora Multifoco, o livro “Território Sagrado, Exílio, Diáspora e Reconquista indígena no Vale do Rio Doce”. Tem artigos publicados na revista Castelo Branco Científica, Revista Cátedra, no site Boletim Goiano de Geografia e no jornal O Liberal, de Resplendor (Minas Gerais).

Prezados senhores, uma vez concluídas as considerações sobre os ilustres novos membros que tomam posse nesta cerimônia, encaminhem-nos para o final deste discurso com uma menção aos estudos de mestre Guilherme Santos Neves (1906-1989) – para os que não sabem, meu avô – sobre a música do Espírito Santo, em uma feliz correlação com o universo que compõe minha linha de atuação.

José Roberto Santos Neves

Em seu discurso de posse para o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, publicado originalmente na Revista do Instituto, número 18, de 1958, e disponível na Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba – 1944-1982 - Volume 2, de 2008, o notável pesquisador da cultura popular do Espírito Santo e fundador da Comissão Espírito-Santense de Folclore esclarece a origem da casaca, instrumento idiófono utilizado nas bandas de congos e que se configura como um dos símbolos da identidade cultural capixaba.

Conta-nos Mestre Guilherme que a mais remota referência a este instrumento, em terras do Espírito Santo, data de 1862, colhida no livro do viajante francês François Board – intitulado, em português, “Dois anos no Brasil” -, onde há menção expressa ao velho instrumento musical, usado, então, pelos índios de Santa Cruz e registrado pelo pesquisador durante sua passagem pelo Estado em 1858.

Outra referência seminal ao mesmo instrumento, segundo o folclorista, dar-se-á no livro “Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense”, de autoria do Padre Antunes de Sequeira, e datado de 1893. Na referida obra, o religioso descreve um episódio por ele vivenciado quarenta anos antes, quando testemunhou a utilização de um instrumento com a descrição da casaca por um conjunto musical primitivo integrado por índios mutuns, que então habitavam as margens do Rio Doce.

Esses dois registros do século XIX, reunidos por Mestre Guilherme, colaboraram para ratificar a origem indígena da casaca, instrumento musical cuja característica principal – “que a torna sem símile no Brasil – é a cabeça esculpida a canivete ou facão, à semelhança de ex-votos.” “Como se vê, a casaca é instrumento musical, mas, ao mesmo passo, objeto de arte popular”, afirma o mestre. É símbolo do calendário de sons do Espírito Santo e peça fundamental de sua identidade cultural. Não a única, mas, certamente, uma das mais representativas e motivo de orgulho para um Estado cuja história pode ser contada a partir do batuque dos tambores, dos cânticos populares e das notas musicais.

Muito obrigado!

José Roberto Santos Neves

Dezembro 2015